

A face oculta do amor:

a tragédia à luz da psicanálise

Denise Maurano

A psicanálise e a arte trágica tratam das mesmas questões fundamentais da condição e do agir humanos. Haveria um conceito psicanalítico do trágico, a partir das referências de Freud e Lacan à tragédia?

Começo este trabalho¹ a partir de uma investigação sobre a ética da psicanálise, que foi o tema de meu livro *Nau do desejo*. Como sabemos, a ética que implica uma reflexão sobre o agir humano foi, na perspectiva da tradição filosófica, situada em relação a um ideal a se atingir. Entretanto, na abordagem psicanalítica, visa-se focalizar não um ideal, mas os impasses, os conflitos, e, sobretudo, a desmedida que vigora na relação do homem com sua ação. Isso é o que fará Lacan afirmar que “é na dimensão trágica que as ações se inscrevem e que somos solicitados a nos orientar em relação aos valores”². Tendo já dito, anteriormente, que “a filosofia de Freud é fundamentalmente anti-humanista”, conclui que “Freud deve ser situado numa tradição realista e trágica, o que explica que é à sua luz que podemos hoje compreender os trágicos gregos”³.

Essas citações são apenas algumas das pistas que me levaram a querer investigar a relação entre a psicanálise e a arte trágica. Esses dois campos, embora não constituam nenhuma visão totalizante do mundo, levantam reflexões fundamentais acerca da condição humana, as quais evidenciam uma proximidade estrutural importante entre eles. Resolvi, então, buscar na obra de Freud e de Lacan elementos para a construção de uma concepção psicanalítica do trágico que pudesse servir à elucidação da ética da intervenção analítica, tanto no que diz respeito à clínica quanto no que se refere à intervenção do pensamento psicanalítico na cultura.

Denise Maurano de Mello é psicanalista, membro do Corpo Freudiano do Rio de Janeiro, doutora em filosofia pela faculdade Paris-XII e pela PUC do Rio de Janeiro e professora adjunta da Universidade Federal de Juiz de Fora, MG. É autora, entre outros, de *A face oculta do amor*, Imago, 2001.

Tal pensamento, longe de se encaminhar para a apologia do homem e de seus feitos, revela o *pathos*, o espanto que surge na confrontação com o limite humano-confrontação com o limite do que pode ser visto ou sabido acerca da condição humana, ponto que pode ser designado pelo termo grego *Até*. Esse termo, segundo Lacan, designa o móbil da verdadeira ação trágica, que aponta para certa calamidade fundamental frente à qual o herói, movido pelo desejo, não se detém, malgrado o risco que sua ultrapassagem comporta. Não se trata, para a psicanálise, de abordar esse limite enquanto um erro, um equívoco removível, como pensava Aristóteles. Trata-se de algo bem mais radical que isso, que intervém tanto na tragédia quanto na psicanálise.

Instalado no universo estruturalmente errante da linguagem, desalojado das determinações cerradas do mundo natural, onde a codificação genética delimita a eficiência das ações no atendimento das necessidades, o homem busca, por meio do desejo, transpor a fenda cavada pelo corte com o natural. Na emergência do desejo, Freud localiza a fundação do psiquismo, e, correlativa a esse, a invenção do sentido. Dessa forma, para o homem as coisas não são o que são, mas o que representam.

Desabrigado do campo das determinações naturais, e presa do universo da linguagem, o homem é nele atraído pela imantação do desejo do Outro, que lá estava. Tomando o Outro como referência na constituição de seu próprio desejo, paga com o assujeitamento o preço de seu ingresso no campo da linguagem, campo humano por excelência. Assim, passa a chamar-se sujeito, ou seja, *subjectum*, posto debaixo.

O que se configura como cultura, *ethos*, morada da condição humana, é o que se tece em torno do Outro enquanto absoluta alteridade. Aí, paradoxalmente, se anco-

ra o desejo em que o sujeito abriga o mais essencial dele mesmo. Ponto de exterioridade íntima – *extimidade*, no dizer de Lacan – em torno do qual o inconsciente se constitui como discurso do Outro. Nessa referência/reverência ao “de fora”, o sujeito situa-se como suplicante, arremessando demandas que visam acertar na mosca do desejo e calar sua inquietação, operação incansável, que deixa sempre um resto que testemunha a indestrutibilidade e a insaciabilidade do desejo.

Para Freud, a constituição da cultura é correlativa ao assassinato do pai, como pólo de organização da lei, do pacto que visaria colocar uma ordem nas coisas. A ambivalência na relação com esse mito organizador das paixões humanas traz como consequência a culpa, que aparece num limite exterior como temor, e que provoca a retenção do homem no “serviço de bens”, ou seja, na preocupação

com a conservação da vida e com as garantias imaginárias. O trabalho propõe que a história do pensamento, assim como a história da arte, e tudo o que envolve os encaminhamentos da cultura, mostrem o desfile, ao longo do tempo, de diferentes valores erigidos, em Nome-do-Pai, aos quais se pediu uma resposta que estancasse a errância e fechasse com um sentido as aflições do existir humano. Cernir a vida com um sentido, apreendê-la no que se pode nomear, eis aí o mais essencial da função paterna, função original e iniciadora da existência do símbolo.

Entretanto, tanto a arte trágica quanto a psicanálise, embora frutos da cultura, emergem como ruptura com o pensamento corrente. Não permitem a obturação da falha que existe no saber, não reduzem a vida à representação e denunciam a impossibilidade de tais valores, erigidos em Nome-do-Pai, calarem

O que se configura como cultura, *ethos*, morada da condição humana, é o que se tece em torno do Outro enquanto absoluta alteridade. Aí, paradoxalmente, se ancora o desejo em que o sujeito abriga o mais essencial dele mesmo. Ponto de exterioridade íntima – *extimidade*, no dizer de Lacan.

o enigma da existência. Nos dois campos, tais valores são expostos em queda, nos trâmites de seu ocaso, o que é bem caracterizado pela posição de fim de linha na qual se esboroa o herói trágico, que, no entender de Freud, encena a queda do pai. Isso vem caracterizar o espaço entre-duas-mortes, no qual se desenrolam as tragédias. Espaço situado entre duas fronteiras que não coincidem: uma é a morte de fato, ocorrida quer por acidente, velhice ou o que for; outra é a perspectiva em que a morte é visada como meio de eternização, passagem para a posteridade rumo à superação da finitude, na afirmação do desejo.

Tanto a tragédia como a psicanálise apontam, portanto, para o que se endereça para além do mito do pai. Lacan destaca, ao longo da história, diferentes formas de incidência da função paterna. Isso me inspirou a tentar localizá-las nos diferentes valores de sustentação da cultura que se mostram em queda na tragédia grega, na tragédia moderna e na tragédia contemporânea, respectivamente.

A tragédia grega, abordada sobretudo a partir da trilogia tebana de Sófocles, reflete o momento de constituição da cidade, momento de nascimento do Direito como via privilegiada de organização da cultura. Expõe-se nela o apelo à lei como tentativa de responder aos impasses da existência. Tal apelo à lei, seja referida ao oráculo, aos deuses ou à cidade, é exibido na tragédia na desmedida do esgarçamento de seus limites, até que, pelo efeito mesmo desse esgarçamento, tal valor privilegiado se rasga e deixa o herói ao desabrigo. Ultrapassando a *Até*, o limite em que se sustenta a existência humana, tanto Édipo quanto Antígona encontram o termo radical de seu desejo, ao preço, entretanto, de sua aniquilação como sujeitos. Nessa dimensão de dessubjetivação encontram, paradoxalmente, o mais essencial deles mesmos, para além de todo narcisismo, até

mesmo aquele indispensável para sustentar a continuação da existência, o que mostra o risco em jogo nessa ultrapassagem.

A tragédia moderna, recortada aqui, sobretudo por meio do *Hamlet*, de Shakespeare, e da *Atalia*, de Racine, focaliza a vigência da *hybris*, do exagero, num apelo à razão, e ao que pretensamente esta sustenta, a subjetividade. Tais elementos, a razão e a subjetividade, são hiperinvestidos nesse período. Descartes, o pai da Modernidade, propagou sua analogia entre ser e pensar. Disso decorre o contraponto da loucura, seja ela de Hamlet ou Ofélia, ou de tantos outros personagens trágicos desse período, e o contraponto também da vacilação do sentido e do domínio da fé, demonstrada na tragédia *Atalia*. A vigência da dúvida, ser ou não ser, a hesitação na ação, a problematização do sentido das coisas, revelam o fracasso da pretensão da razão em

A arte erótica da Antiguidade, cuja função era estética, cede aqui à ciência sexual do século XVIII, que visa apreender no discurso o que se passa na dimensão enigmática do amor e do sexo.

cernir, com o saber, a amplitude da vida.

Na contemporaneidade, diferentemente desse apelo à lei ou à razão, o que é privilegiado é o valor da libido, com tudo o que circula em torno da tematização do amor e da sexualidade. Como a tragédia contemporânea *O pai humilhado*, de Paul Claudel, bem o denota, por meio da sedutora imagem da personagem cega chamada Pensée, o desejo de pensamento da Idade Moderna torna-se pensamento de desejo na atualidade. Foucault revela quão recente é o termo *sexualidade*. Apenas a partir do séc. XVIII começa a se constituir um discurso sobre a sexualidade. A arte erótica da Antiguidade, cuja função era essencialmente estética, sem caráter regulador ou normatizante, cede aqui à ciência sexual, que visa apreender no discurso o que se passa na dimensão enigmática do amor e do sexo.

O amor e o sexo são chamados a responder, na contemporaneidade, pela existência, chamados a curar a ferida da falta-a-ser que aí vigora. A psicanálise surge nesse contexto, surge em função exatamente dessa demanda. Mas, congruente com sua perspectiva trágica, não aparece para endossar esse apelo, mas para esgarçá-lo até que ele se rasgue e revele quão desmedida é a pretensão de obturar a vida com um valor.

O Nada, em torno do qual a existência gravita, não é tomado pela psicanálise abstratamente. O conceito freudiano de castração vem indicar a configuração psíquica da perda do “natural” com que o sujeito paga sua inscrição no mundo simbólico. O *phallus*, monumento de exaltação da vida, na antigüidade símbolo da plena turgência vital, vem indicar o que é visado pelo sujeito, exatamente por ser o que lhe falta. O sujeito não habita a plena turgência vital, embora a ela esteja referido na busca de fisgar o que lhe falta. É essa falta do pleno, que opera na positividade da busca, que o faz desejante. Se tentamos localizar imaginariamente o *phallus* no corpo, na sua relação com o pênis, é exatamente na medida em que o pênis serve para configurar um objeto que se destaca, que pode ser destacado ou faz falta, por onde adquire seu valor significativo, prestando-se assim a meio de comparação, unidade de medida do valor do sujeito, de sua potência vital. Algo que, não pertencendo efetivamente a ninguém, sendo o que se situa sempre alhures, funciona como o estopim para a circulação do desejo.

Determinados objetos são investidos de valor fálico, especialmente na medida em que se apresentam como o que faz falta. A ênfase dada na contemporaneidade às relações de objeto, maneira pela qual a psicanálise designa os laços de amor, denuncia o que, nos encaminhamentos de Eros,

passa pelo apego fálico, mesmo que vise o que se situa para além dele, como veremos mais abaixo. A inflação libidinal, tentativa de redução do psiquismo à sua dimensão econômica, parece ter aberto campo para o surgimento da psicanálise, que acolhe essa demanda para desvelar sua desmedida pretensão. Mas também é, a meu ver, a pedra de toque na profusão de teorias econômicas sideradas

tro desse apelo exagerado ao amor, tomado aí como meio de transporte para o Além, de promessa de encontro da plenitude, de acesso ao gozo, onde, obviamente, não haveria nem falta, nem desejo.

Para a psicanálise, o apelo feito a Eros, à pulsão sexual, não exprime a totalidade da dinâmica psíquica. Ao lado da pulsão sexual, amalgamada a ela, age silenciosamente a pulsão de morte, o impé-

Para a psicanálise, o apelo feito a Eros não exprime a totalidade da dinâmica psíquica. Ao lado da pulsão sexual, age silenciosamente a pulsão de morte, o império do não-senso, que se opõe aos esforços da sexualidade.

pelo valor do objeto na relação entre produção e consumo. No caso do capitalismo, o objeto, reduzido a seu valor de mercadoria, é avaliado segundo a quantidade abstrata de dinheiro que representa. O dinheiro só interessa porque acena com a possibilidade de acesso ao gozo do *phallus*, via imaginária de obturar a falta que vigora na relação de objeto. Da mesma forma, a abundância de seitas que se alastram a cada dia vem no ras-

rio do não-senso, que se opõe aos esforços da sexualidade. Não se pode então reduzir o trabalho de Freud à referência à sexualidade, ao que gravita em torno do *phallus*, malgrado a importância disso. A participação da morte na vida faz aí sua incidência, e é reconhecida tanto na teoria quanto no rigor ético da clínica psicanalítica.

Na arte trágica, a dimensão de horror que isso porta – o “antes não ter nascido”⁴ proferido tanto em

Édipo quanto pelo sábio Sileno⁵, e que ganha tantas versões em diferentes tragédias – é transfigurada pela presença da música e pela beleza das ações e da cena, o que a purifica de toda a amargura e desencorajamento que aí poderiam se alojar, e lhe dá uma perspectiva de celebração da vida em todas as suas dimensões, mesmo aquelas em que se abriga o sofrimento. Não se pretende, nela, a destituição do

Proponho, por um lado, que a regra fundamental da psicanálise, na qual o sujeito é convocado a dizer não importa o quê, marcando-se com isso a primazia do significante sobre o significado, evidencia a dimensão fundamental do som, da musicalidade da fala, como o elemento que encoraja o adentramento em terrenos de outro modo impossíveis de serem penetrados. Sem dúvida há uma dimensão de

também da psicanálise por meio da relação, atestada desde Platão, do amor com a busca do belo.

O processo psicanalítico tem como motor o amor, nele contextualizado como transferência. Da forma do manejo do amor na análise depende o efeito de beleza, que transporta o sujeito para além do apego ao objeto, dando-lhe uma dimensão de infinitude. Busca-se que a ênfase na demanda de ser amado se desloque para a celebração da atividade de amar, para o dom ativo do amor. Nessa perspectiva, o amor toma a forma inapreensível do belo. Opera como um véu que manifesta como imagem o que se localiza além, enquanto falta. Se, por um lado, o amor coloca em função a dimensão imaginária da relação de objeto, por outro lado, por sua relação com a falta, mostra a dimensão do Real intangível que vigora no seio dessa mesma relação, na medida em que nenhum objeto pode responder à existência do sujeito, nenhum objeto pode autenticá-la. O manejo do amor na psicanálise tem essa direção ética, o que o coloca não como meio de complementariedade, promessa de obturação da falta, mas como via de reconciliação com a atividade desejante. Isso é o que leva Lacan a dizer que só o amor pode fazer o gozo ceder ao desejo.

Assim, o que é enfatizado não é propriamente a relação com o objeto, mas seus impasses, a falta que aí opera na positividade de uma busca que, transpondo o que é perecível, aponta para uma dimensão de infinitude, mais além do objeto. No campo do amor, encontramos o limite de toda a nossa possibilidade de controle, de asseguramento, porque o mais essencial do amor resiste ao saber.

A operação de *catharsis*, fundamental na tragédia, continua a ser de interesse para a psicanálise, desde que interpretada como meio de purificação do temor e da piedade, que são as paixões que de-

O manejo do amor na análise enfatiza não propriamente a relação com o objeto, mas seus impasses, a falta que aí opera na positividade de uma busca que, transpondo o que é perecível, aponta uma dimensão de infinitude, mais além do objeto.

sofrimento da vida, o que amputaria da vida uma de suas dimensões fundamentais. É a expansão da vida, e não sua conservação, o que aí vigora. Aqui, uma aproximação com a interpretação nietzscheana da tragédia não é mera coincidência.

E quanto à psicanálise? Se a sua ética também não recua da entrada nessa zona de horror, o que atuaria como elemento transfigurador para tornar possível a abordagem desse insuportável?

sentido na psicanálise, manifestada na busca da lógica do fantasma, com o qual o sujeito veste seu eu. Mas esse percurso de apelo ao sentido é realizado exatamente para ser ultrapassado, na medida em que isso é possível, donde advém a idéia do final da análise como travessia do fantasma.

Por outro lado, há ainda o que anima esse trajeto. Sugiro que a dimensão da beleza, enquanto elemento transfigurador, participa

Se o que é visado no trabalho analítico é o acionamento da função do Nome-do-Pai naquilo em que ela se mostrou deficitária para a regulação simbólica, a análise mesma pretende, entretanto, levar o sujeito a poder dela prescindir, ou melhor, a poder ultrapassá-la.

têm o sujeito em seu encaminhamento em direção ao desejo. O desejo, definido como metonímia de nosso ser, não é apenas o que se modula na cadeia significante, mas é também o que corre debaixo, “que é propriamente, o que somos, e também o que não somos, nosso ser e nosso não-ser”⁶. Então é preciso pagar o preço do não-ser, o preço da perda da ilusão de encontrar consistência por meio do objeto, que é caracterizado por Lacan como objeto a, o objeto perdido desde sempre, e que por isso mesmo vira causa de desejo, ponto extremo da destinação do herói em seu percurso.

A arte trágica, que se origina no culto a Dionísios, deus do vinho, implicando por aí uma elegia ao estado de fora de si, tem etimologicamente o sentido de canto do bode, animal imolado em homenagem a esse deus. O bode imolado da psicanálise é o atrelamento nar-

císico do sujeito ao *phallus*. A presença do paradoxo, que estrutura a tragédia tanto quanto o inconsciente, vigora também no tratamento analítico. Isso porque, se o que é visado no trabalho analítico é o acionamento da função do Nome-do-Pai naquilo em que essa se mostrou deficitária para a regulação simbólica, a análise mesma pretende, entretanto, levar o sujeito a poder dela prescindir, ou melhor, a poder ultrapassá-la. Eis aí a dimensão do que se situa na tragédia como queda do pai, perda de garantia onde é tocado o registro do que está para além do domínio do *phallus*, ponto onde se localiza A/ mulher no sentido de enigma absoluto, no sentido da alteridade absolutamente radical.

Assim, toda a análise, na medida do possível, conduz em direção à mulher. Diria que esse é o ponto limite do saber, do sentido, da apresentação, que está em uma rela-

ção de vizinhança com o Nada ao qual chega o herói na tragédia, para ir até o fim com o seu desejo. Ir até o fim com seu desejo, na psicanálise significa ultrapassar essa ancoragem do sentido, da espaçosa subjetividade, para tocar um Nada que mostra bem seu valor efetivo, dado que é tudo o que resta.

Porém, não é à toa que, a propósito da distinção entre o herói e o homem comum, Lacan alerta que “em cada um de nós há a via traçada para um herói, e é justamente como homem comum que ele a efetiva”⁷. Assim, cabe ao analista avaliar como, e até onde, ele pode levar uma análise, para que ela não venha a constituir-se numa tragédia sem arte.

NOTAS

1. Conferência realizada na Galerie Filles du Calvaire, Paris, em 7/2/2001, dentro do quadro de seminários de Alain Didier Weill relativo ao *Mouvement du Coût Freudien*.
2. J. Lacan, “O seminário”, livro 7, *Ética da psicanálise*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988, p. 376.
3. J. Lacan, “O seminário”, livro 3, *As psicoses*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985, p. 273.
4. Sophocle, “*Cédispe à Colone*”, in *Tbêâtre Complet*, Paris, GF-Flammarion, 1964, p. 294.
5. F. Nietzsche, *La naissance de la tragédie, Oeuvres philosophiques complètes*, t:1, Paris, Gallimard, 1977, p.50.
6. J. Lacan, *op.cit.*, “O seminário”, *Ética da psicanálise*, p. 371.
7. J. Lacan, *op. cit.*, p. 368.